

# Presidência fascina FHC

*Cargo dá prazer como a descoberta de uma vocação profissional*

Na tarde da última quarta-feira, o ministro Luiz Carlos Santos, dos Assuntos Políticos, chegou esbafoado ao gabinete do chefe, no terceiro andar do Palácio do Planalto: "Presidente, temos uma crise no PTB". Informado com antecedência de uma rebelião na pequena mas aguerrida bancada petebista, o chefe bateu direto no ponto: "Os ministros do PTB estão saindo?" Santos respondeu que não. "Ah... então não tem crise", cortou o dono do gabinete. "Se não tem crise, não tem graça".

Um sujeito que acha graça em resolver crises deve se candidatar a presidente da República no Brasil. Foi o que Fernando Henrique Cardoso fez, em 1994. Ganhou o emprego e, vinte meses depois da posse, está encantado com a profissão de presidente. Profissão? Bem, num certo sentido, ele admite que sim, pois foi chamado a exercer uma tarefa para a qual tinha uma vocação não revelada. Um sociólogo aposentado, como FHC, encontrará o argumento em Max Weber, um alemão que foi o pai-da-matéria.

O problema em ser um presidente profissional é que não existe um caminho contínuo, uma preparação formal, um vestibular (a não ser o das urnas) que leve até lá. Quando olha para o passado recente, FHC constata que não construiu uma carreira, mas deu um salto inesperado. E é grato ao antecessor, Itamar Franco, que lhe proporcionou, afinal, um cursinho intensivo de presidência. Claro: não aprendeu tudo nos meses em que foi ministro da Fazenda e avalista de Itamar.

Nesse ramo, a prática é fundamental. Por falta de prática, Fernando Henrique patinou, ainda no viço dos primeiros trinta dias, diante de

um Senado velho e em final de mandato, que fazia birra para aprovar o nome do presidente do Banco Central. Dia desses, lembrando o episódio com um ministro tucano, confessou: "Naquela época, ainda não tinha noção de todo o poder do presidente da República no Brasil. Se eu soubesse..."

**Forças** - Reforçando os conceitos acadêmicos, é preciso recorrer ao italiano Antonio Gramsci, que liderou da cadeia o velho PCI e é teórico de sucesso entre os novos esquerdistas, para entender o papel em que Fernando Henrique se enxer-

ga como presidente. Ele exerce a profissão como se fosse a resultante de uma infinidade de forças, um espécie de cimento social. Isso, pelo menos, o consola quando é criticado pela aliança partidária em que se meteu, mas não é tudo.

Na verdade, Fernando Henrique leva em conta a

fragmentação das vontades e dos centros de poder, num país com 27 unidades federativas, cinco mil municípios e uma infinidade de organizações mais ou menos autônomas. Em sua encarnação gramsciana, FHC se considera um espelho de vontades, mas não admite o papel de "condotiere", do líder que empunha o chicote para fazer valer uma "vontade nacional". A função do presidente, repete, "é mostrar à Nação que existe rumo".

Elaborada assim, a profissão de presidente é espinhosa mas fascinante. Há os problemas e as obrigações do dia-a-dia, como a escaramuças com os aliados. Mas no segundo ano de mandato e com a inflação sob controle, isso é mole. Dá até vontade de ser presidente profissional.

**"Se não tem crise, não tem graça"**

Fernando Henrique, ao saber que os dois ministros do PTB preferiram ficar no cargo, apesar da "rebelião" da bancada